

O PENSAMENTO FREIREANO E OS SENTIDOS DE EDUCAÇÃO E ENSINO

José Luiz Ferreira¹

INTRODUÇÃO

Quais os sentidos que a educação e o ensino absorvem com a inserção das ideias de Paulo Freire? Qual o impacto da obra de Paulo Freire nas práticas educativas? Estas foram as perguntas motivadoras que me fizeram escrever um pouco sobre o tema deste encontro. Num evento onde o foco são as políticas e as práticas curriculares, a presença da filosofia e da pedagogia freireana se coloca como uma opção inquestionável.

Considero que qualquer convite para participar de uma mesa de discussão em eventos como este significa reconhecer a responsabilidade que a tarefa exige. Quem vai à procura da escuta e do debate sobre determinados temas tem, a priori, interesse nos mesmos. Assim, meu esforço foi o de trazer questões que possam contribuir com o debate sobre a educação, principalmente a pública.

Para a construção deste texto, parto da própria experiência de professor e do esforço para compreender melhor o pensamento de Paulo Freire. Como um parceiro que me ajuda a refletir minha própria prática, tem ele também o mérito de fazer com que percebamos os entornos de nossas práticas educativas.

Pelos caminhos que percorri sempre busquei entender o significado de minhas práticas. Comecei minha vida profissional trabalhando com crianças em aulas de Educação Física, depois passei a trabalhar na formação de professores para o exercício da docência com crianças. Onde Paulo Freire aparecia? Onde ele foi se tornando mais evidente naquilo que fazia e no que via os outros fazer, e até deixavam de fazer?

No percurso dessa experiência me aportei no Grupo de Estudos Paulo Freire em Campina Grande, um grupo que vem tentando aprofundar as reflexões sobre a pensamento de Paulo Freire.

O texto é, uma tentativa de refletir alguns aspectos do pensamento de Paulo Freire na educação e no ensino. Quatro elementos apresento como relevantes para compreendermos a importância de incorporarmos as ideias desse autor, professor, escritor, filósofo cuja obra está cada vez mais sendo visitada e revisitada, o que representa a própria atualidade de seus pensamentos e ideias.

¹ Professor da Unidade Acadêmica de Educação da Universidade Federal de Campina Grande.

Um professor diferente

Depois de mais de três décadas de experiência no ensino e nas escolas, parece-me evidente reconhecer marcantes diferenças entre os professores. Salas de aulas, sala de professores, momentos de planejamentos e de discussões pedagógicas, além daqueles momentos informais onde, sem querermos, passamos a conhecer nossos pares professores, fui identificando modos de agir e de pensar, alguns facilmente associados a uma perspectiva humana, política e pedagógica comprometida com os menos favorecidos; outros, nem tanto, mas assumidamente democrática.

A partir das ideias de Paulo Freire, em particular, esses professores eram vistos de modos diferentes pelos educandos e pelos próprios colegas de profissão. Alguns tinham aproximações com a obra de Paulo Freire e estes esforçavam-se para desenvolver seus ensinamentos. Evidentemente esses nem sempre eram ou são bem vistos, justamente porque as ideias que Paulo Freire apontam para a educação e o ensino são desafios extremamente sérios, não exatamente pelo o que escreveu, mas sobretudo pela vivência. . Outros não conheciam de sua obra, o muito que falavam era muito pouco para se dizer que conheciam, mas apresentavam uma prática pedagógica que colocávamos como sendo freiriana. Observávamos que suas experiências podiam ser representadas por algumas das categorias do pensamento freiriano. Deduzíamos que as experiências podem ser classificadas a partir de um recorte teórico, mesmo que seus protagonistas não percebam.

Quem é este professor que chamo de diferente? Ser diferente neste caso não é ser melhor ou não do que outro professor, esse senso de julgamento é responsabilidade de cada um. A diferença começa a se estabelecer pelas relações e pelos modos com que este professor é visto pelos demais. O compromisso com uma educação e com um ensino de qualidade voltado, prioritariamente, para os menos favorecidos; uma preocupação ética com o seu trabalho; um jeito especial de ouvir o outro, de dar atenção aos que lhe procuram, são algumas de suas características.

Para pensar este professor diferente pensei quatro elementos presentes na Pedagogia Freiriana. O primeiro elemento é o respeito ao saber dos educandos; o segundo é o diálogo como saber epistemológico e cognitivo no ato de aprender e ensinar; o terceiro é a convicção da educação como um ato político, e o quarto é o reconhecimento de que o ato de ensinar e aprender fundamenta-se no exercício da curiosidade, da criatividade e da descoberta do mundo e de si.

Esses elementos são a partir deste ponto vistos especificamente, todavia é importante registrar que esta separação é meramente didática, posto que os mesmos estão intrinsecamente relacionados.

O respeito ao saber do educando

Esta é uma recomendação está presente na visão de vários estudiosos. Mas nem sempre isto é levado a sério. No discurso não é difícil acatar esta ideia, mas operacionalizá-la no fazer cotidiano das salas de aulas, por exemplo, não é tão fácil assim. Por que costumamos antecipar o plano de ensino sem que tenhamos conhecimento do conjunto de alunos da turma que lecionaremos? O que uma criança, um jovem, um adulto, um idoso sabe quando chega para aprender na escola? De onde parte o conhecimento que esperamos construir na sala de aula? Paulo Freire diz assim:

É preciso que o(a) educando(a) saiba que o “aqui” e o seu “agora” são quase sempre o “lá” do educando. Mesmo que o sonho do(a) educando(a) seja não somente tornar o seu “aqui-agora”, o seu saber, acessível ao educando, mas ir mais além de seu “aqui-agora” com ele ou compreender, feliz, que o educando ultrapasse o “aqui”, para que este sonho se realize tem que partir do “aqui” do estudante e não do seu. (...) isto significa, em última análise, que não é possível ao educador(a) desconhecer, subestimar ou negar os “saberes de experiência feitos”, com que os educando chegam à escola” (FREIRE, 1993, p. 39)

As crianças, os jovens que vão chegando à escola vem não apenas para somar conhecimentos aos seus, mas também para agregar conhecimentos ao repertório de conhecimentos dos educadores. Qualquer criança chega à escola trazendo uma boa bagagem de conhecimentos acumulada ao longo de seus poucos anos de vida, e boa parte desse conhecimento é corporal, vivido intensamente nas brincadeiras diárias com outras crianças. Se é aquela criança que não brinca mais na rua, vive diante da televisão ou jogando no computador ou game, também tem muitos conhecimentos. Pergunte o que sabe fazer, logo responderão que sabem fazer muitas coisas e certamente boa parte destas coisas não foram ensinadas, foram aprendidas no cotidiano da observação e da experimentação.

Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* nos provoca quando chama a atenção para a possibilidade de fazer existir no cotidiano da escola o mundo da criança. A realidade da maioria das crianças matriculadas nas escolas é de conhecimento da equipe técnica e dos

professores. Alguns deste conhecem bem seus alunos. Mas muitos educadores não tem o mínimo conhecimento sobre a vida de seus alunos. E por que não usar essa realidade, a experiência de vida como conteúdo a ser estudado? Ora se almejamos um sujeito crítico, não seria começar pela própria história um meio interessante?

Penso que seria importante os educadores se convencerem, frente às constantes demandas de novos conteúdos, de exercerem uma espécie de “pedagogia do repente”.

Repentista é o artista que cria versos a partir do mote imediatamente dado. A capacidade de criar, de resolver problemas imediatos que aparecem constantemente parece ser uma necessidade dos professores, porque a escola, a sala de aula é muito dinâmica. Diante de vários desafios cotidianos, os professores estariam preparados para enfrenta-los. A pedagogia do repente não significa improvisar sem uma base epistemológica e técnica, ou seja, para desenvolver a pedagogia do repente há necessidade de conhecimentos ampliados sobre as áreas de conhecimento. Fazer de repente também não é fazer o “aqui-agora” improvisado, sem um preparo intencional.

O respeito aos saberes dos educandos é revigorar o currículo, tornando-o mais dinâmico, com temas e conteúdos surgindo no movimento das ideias e das curiosidades dos educandos.

O diálogo como saber epistemológico

Uma das principais preocupações presentes na obra de Paulo Freire é a busca pela liberdade dos educandos. O que significa isto? Num país onde são evidentes as diferenças de classes, de sexo, de raça, de espaços a construção de uma prática educativa onde os educandos possam desenvolver diferentes formas de expressão, conscientizando-se de seu papel na sociedade e assumam com liberdade suas próprias ideias, continua sendo um objetivo primordial da educação. A liberdade é a “matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos” (WEFFORT, 1986, p. 5).

Sujeitos críticos, livres para pensar servem para exercerem funções na pedagogia freiriana. Esta pedagogia assenta-se na interação comunicativa cujo conhecimento se constrói no diálogo intersubjetivo. Reiterada vezes Freire tem dito que educar, não é transferir conhecimento, onde um ensina e outro aprende, mas “um processo dialógico de produção e recriação intersubjetiva de conhecimentos” (BRUTSCHER, 2005, p. 131).

O professor que se constrói diferente efetivamente faz de sua prática um espaço de encontros de sujeitos que permanentemente produzem e recriam conhecimentos.

Conhecimentos em produção e em recriação não são conhecimentos acabados. Conhecimentos que se produz e se recria são conhecimentos sempre novos para o educando e o educador. Numa perspectiva tradicional, o conhecimento parte do professor e desemboca no aluno como se fosse um produto pronto a ser comido. É assim que muitos conteúdos são transmitidos na escola. O educando apenas participa do processo de recepção do mesmo. Falta diálogo entre o professor e o aluno. Diálogo cuja origem pode estar na própria realidade da criança, do jovem.

A educação como ato político

Por que a educação se caracteriza como um ato político? A resposta é prática: porque ela deve servir a uns e não a outros. Em outras palavras, a educação deve priorizar ações e ideias que estejam vinculadas a uma determinada concepção de sociedade, de homem/mulher e de educação. Neste sentido, as práticas educativas devem ter intencionalidades, devem refletir ideais de mudança, caracterizando-se com um processo em movimento. É importante que os educadores possam compreender esta questão, porque dela depende, também, a formatação da prática pedagógica.

Como não existe neutralidade na educação, como não é possível colocar modos de agir e de pensar fora do parâmetro ideológico e político, os educadores são convidados por Paulo Freire a repensarem a sua posição política. De que lado estão? Que compromissos tem com os educandos com quem trabalha? Que princípios teórico-metodológicos orientam suas práticas? Se ainda podemos reconhecer os oprimidos e os opressores nas práticas educativas e sociais, que contribuições nossas práticas educativas podem dar para o entendimento desta relação?

Para pensar a educação como um ato político tomando por referência os estudos de Paulo Freire, encontramos vários aspectos em sua obra que ajudam a compreendermos o fenômeno educativo na perspectiva da transformação, da mudança, ou seja, como um quefazer político. Um desses aspectos é a compreensão do caráter ontológico da educação. Homens e mulheres são inconclusos e históricos e como tais, podem ser mais. Ser mais é, para Paulo Freire, está sendo. Estando sendo, não são o que são de modo estático. Reside nesta compreensão a natureza política do ato educativo. Para que os educandos possam ser sendo, é importante pensar nas condições de elevação da consciência para esta compreensão. Continuando no professor que age diferentemente, suas práticas tomam como ponto de partida a cultura, a compreensão os determinantes históricos, políticos e culturais.

A partir das ideias freirianas tenho tentado compreender as práticas educativas como possibilidades de superação das condições de precariedade em que vivem muitos brasileiros. Estes brasileiros estão nas escolas públicas. São crianças marcadas pelas condições sociais precárias em que vivem. Fico a me perguntar qual o papel da educação na vida dessas crianças. Muitas não entendem o significado da aprendizagem da linguagem e da matemática. Parece-me que a falta da compreensão de si enquanto sujeitos que constroem a própria vida, deixam de ser favoráveis a eles mesmos, pois muitos deles não demonstram interesse em aprender. Para Freire a verdadeira palavra é pronunciar o mundo, entender-se nele e transformá-lo, transformando-se. “Como educadoras e educadores somos políticos, fazemos política ao fazermos educação” (FREIRE, 2003, p. 92). A esta condição estamos todos sujeitos. Aos que se afirmam ser “de tudo um pouco”, é bom rever esta postura, pois como pode um educador ou uma educadora transitar por diferentes concepções de prática educativa se entre elas existem parâmetros contraditórios, tais como assumir-se no discurso um educador democrático e no pleno exercício de sua prática educativa não permitir a crítica ou a fala do educando.

Como educar ser ter convicções? Como desprezar os sonhos e a perspectiva da luta por uma educação de qualidade, por uma sociedade menos violenta, mais justa nos mais diferentes aspectos? Como não pensar na melhoria da qualidade de vida dos alunos das classes populares? Dos filhos dos camponeses? Dos alunos de periferia? Como pode uma prática educativa não molhar-se de desejos de mudanças para os educandos?

Uma educação libertadora, política por essência, deve ter posicionamento, deve apontar caminhos para os educandos. Do ponto de vista ideológico esses caminhos orientam o fazer dos educandos e dos educadores.

Do ponto de vista do professor diferente, este deve se preocupar com sua formação permanentemente para permanecer sempre atento às mudanças sociais e políticas.

O exercício da curiosidade, da criatividade e da descoberta do mundo e de si

Pensar estas questões na atualidade pode parecer discurso vazio, sem nexos com a realidade. A dinâmica de uma sala de aula é muito mais complexa do que se imagina. Todavia, com a aproximação com o chão da escola percebemos que a curiosidade é um fator por demais importante para ser levada em consideração. A curiosidade é, na compreensão de Paulo Freire “necessidade ontológica que caracteriza o processo de criação e recriação da existência humana” (FREITAS, 2008, p. 118). A curiosidade serve como um recurso natural do sujeito, portanto, ontológico, de estimular a busca por conhecimentos. Na perspectiva

tradicional de ensino, na qual os professores dão as respostas ou concentram os conhecimentos em si, impede-se a curiosidade das crianças. De outro modo, a perspectiva progressista da educação estimula a curiosidade, servindo de antidoto das certezas.

Pensar a curiosidade nas atividades desenvolvidas na escola e na sala de aula revigora o sentido político da educação. É na perspectiva política que Paulo Freire pensou na curiosidade epistemológica, a qual está associada ao esforço para estudar, porque o conhecimento acomodado pelo aluno deve impulsioná-lo ao conhecimento do novo.

Na mesma direção de se permitir ser curioso, os educandos devem ser estimulados a desenvolverem a criatividade. A habilidade para criar situações novas e recriá-las deriva da abertura para a criação e a recriação. Em situações de liberdade homens e mulheres são mais propensos a desenvolverem seu poder criativo.

As críticas de Paulo Freire às práticas educativas bancárias, que impedem que meninos e meninas se expressem livremente, estão argumentadas a partir do princípio da autonomia e da liberdade. Como a criatividade pode se desenvolver se as crianças são permanentemente proibidas de se movimentarem? Com podemos fazer sujeitos mais autônomos e conhecedores de si e do mundo se as oportunidades para expressarem seus próprios sentimentos são escassas, quando não existentes?

O professor que se pretende diferente saberá de sua responsabilidade em aproveitar o saber dos alunos para estimular a criatividade, ampliando os horizontes dos saberes.

CONCLUSÕES

A participação na mesa redonda cujo tema foi o pensamento de Paulo Freire e os sentidos da educação e ensino permitiu-me amadurecer algumas ideias a respeito da inserção de Paulo Freire na educação brasileira.

Paulo Freire foi reconhecido como o patrono da educação brasileira e por esta razão suas ideias deveriam se fazer mais presentes nos cursos de formação de professor. Sua importância para a educação e o ensino é inquestionável. Em que pesem reivindicações para o aumento dos estudos sobre Paulo Freire nos cursos de formação de professor, suas ideias ainda são pouco divulgadas.

O texto, como dito no início, pretendeu apenas trazer algumas questões sobre o pensamento de Paulo Freire na perspectiva da educação e do ensino. A criação imaginária da figura do professor diferente representa uma forma de compreendermos os significados do pensamento do autor nas atividades pedagógicas, principalmente nas escolas.

REFERÊNCIAS

BRUTSCHER, Volmir José. Educação e Conhecimento em Paulo Freire. Passo Fundo, RS: IFIBE e IPF, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FREITAS, Ana L. S. de. Curiosidade epistemológica. In: STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides e ZITKOSKI (orgs). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte, 2008, P. 117-119.

STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides e ZITKOSKI (orgs). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte, 2008.

WELFFORT, Francisco C. Educação e Política: reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da Liberdade. In: FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 2-26.